

ROSAS, ROSAS BRASILEIRAS

E' com prazer e desvanecimento que acasalhamos em nossas paginas este suggestivo appello do Sr. Eudoro Ramos Costa, cujo escripto sobre ser um estimulo e um ensinamento em prol da roscultura nacional, é um gesto de sympathico offercimento a pró de uma causa sadia.

*
* *

Não ha planta mais popular no nosso paiz do que a roseira. Nas cidades, sobretudo, não se nos depara uma casa, um quintalzinho, em que não viceje, sempre rica de petalas, a rainha das flores! São ás vezes velhos troncos que já floresciaam no tempo dos nossos avós.

Na roça, essa profusão não se verifica, e as cazinhas ruraes, dispersas pela orla das vias ferreas, erguem-se nuas no meio do terreiro liso e secco, desolador. Entretanto, que graça se uma roseira, enroscando-se pela cumieira do tecto rustico, alli desabrochasse.

Nas cidades, quando o fim da secca se aproxima procede se á poda das roseiras. Ramos e ramos, cheios de viço e, ás vezes, de flores são atirados á rua. E' de ver, então, meninas e meninos, mesmo gente grande, atirarem-se a esse lixo florido, e cada qual lá correr para casa com as mudas que conquistou.

As crianças sabem que o melhor presente á maezinha, são essas ramos, logo confiadas ao terreirinho do casal.

Se grande é a popularidade da roseira no Brasil, nem por isso tem o nosso paiz entrado no movimento universal em torno da cultura e do aperfeiçoamento dessa flor.

Ao passo que a França, com a sua "Societé des Rosiéristes Français", a Inglaterra, com a sua "The National Rose Society", a Allemanha com a sua "Des Vereins Deutscher Rosenfreunde", a America do Norte, com a sua "The American Rose Society" promovem o intercambio dos rosciristas, a criação de novas rosas, o estudo individual de cada variedade sob a influencia do clima, as exposições repetidas das novidades, a publicação de revistas e annuarios, — nós não sahimos do mecanismo do plantio de algumas mudas, cujos nomes esquecemos logo, negligentemente.

Quer isto dizer que nos falta o interesse "intellectual" na cultura da rosa, quando o certo justamente esse interesse é que anima as doutas sociedades citadas.

Temos, entretanto, o essencial, que é o sentimento em favor da roseira, e não custa, com um certo movimento de propaganda, incrementar estudos taes entre os nossos roseiristas.

E' o que pretendo fazer, aproveitando-me da benevolencia que acaso encontrar na imprensa.

Comecemos pelo principio, como se diz, e, no caso, pelas sementes de roseiras. E' notavel a ignorancia popular a esse respeito. Muita gente nem quer acreditar que roseira dê semente! Tenho um amigo, magistrado culto, que durante muitos annos enterrou o fruto das roseiras, as bellas bagas vermelhas. Seria o mesmo que para plantar o milho, enterrassemos a espiga, com palha e tudo.

O primeiro cuidado, nesse assumpto, é deixar que se formem nas roseiras alguns frutos. Geralmente, logo que uma rosa fenece, é bom tirar a do pé, para facilitar a vinda de novas flores. Podemos, entretanto, deixar algumas, das mais vigorosas, até que o calice fique vermelho, ou bem amarello, o que assignala a maturação do fruto. Colhemol o, então, e após a secagem, vamos tratar de abrir esse "fruto", descobrindo desse modo as "sementes" que se acham dentro delles. A' unha mesmo faz-se esse serviço, e as sementes, bem graudinhas, aliás, apparecem.

E' claro que o que devemos plantar são essas sementes, pondo-lhes por cima uma camada de terra proporcional ao seu tamanho.

Segundo Cochet, as sementes colhidas em Novembro, são collocadas sob camadas de areia humida, de modo que quando passar a neve sejam levadas ao relento, em terra livre, onde germinam rapidamente.

Como não temos neve, poderemos prescindir dessa espera. Aliás, segundo ensina J. H. Nicolas, o moderno roseirista americano, podemos fazer as sementeiras em vasos ou em caixões, abrigados, durante todos os periodos do anno.

Observaremos com cuidado a germinação das plantinhas, evitando excessos de secca ou rega, e as protegeremos contra as pragas habituaes.

Grande parte das roseiras floresce no proprio anno do plantio. Outras são mais demcradas.

O amador fará observações das primeiras rosas, organisando mesmo um pequeno catalogo com descrições devidamente numeradas. Quando as plantas estiverem sufficientemente vigorosas, podemos tirar escudos para enxertia. O enxerto é o modo geral de fixação das qualidades obtidas por meio da semente.

Quer isto dizer que as novidades, as novas rosas, são criadas unica-

mente pela semente. O enxerto apenas faz fixação dessas qualidades. De outro modo, para obtermos a fixação dos caracteres na propria semente, teriamos de seguir laboriosamente as leis de Mendel, o que não é preciso, se não parcialmente, em se tratando de roseiras.

Quando florescem as primeiras rosas, assim semeadas, terá o amador o momento psychologico do criador, com as suas alternativas de inaudita alegria ou de calamitosa decepção. O "frisson" do caso é abundantemente descripto pelos americanos, francezes e inglezes.

Até aqui temos tratado do que se chama fecundação natural. O fruto da roseira, que colhemos para a nosso sementeira, foi naturalmente fecundado pelos insectos ou mesmo, auto-fecundado, visto ser a rosa uma flor hermaphrodita.

Podemos entretanto, intervir, com elemento intellectual muito mais desenvolvido, se quizermos proceder a fecundação ou hybridação chamada artificial.

Nesse caso fará o amador o papel de insecto, não alado, porém infinitamente mais espirital.

O processo, aliás simples, é o seguinte: Escolhem se duas rosas diferentes — uma será a mãe e outra o pae. Quando os botões estiverem bem desenvolvidos, mas não abertos, forcamos a sua abertura numa das rosas que escolhemos para mãe. Descobriremos assim os orgams essenciaes da reprodução, a saber, os estames com suas antheras cheias de pollen, e os pistillos com suas boquinhas de estigmas, promptas para receber o pollen. Com tesourinhas delgadas faremos a castração da flor, amputando todos os estames e observando que nenhum pollen caia nos estigmas. Poderemos verificar bem isso, examinando os pistillos com uma lente. Feita a castração, iremos buscar o pollen na roseira que escolhemos como pae, e passaremos esse pollen aos orgams floraes da roseira mãe, com auxilio de delicados pinceis. Em seguida, um saquinho de gaze, para evitar á intervenção de pollen estranho.

Caso não haja synchronismo na floração das rosas escolhidas, podemos guardar o pollen em vidrinhos, a espera de que o botão da roseira mãe esteja em condições de ser fecundado.

O elemento propriamente intellectual da operação consiste no conhecimento profundo que o roseirista deve ter de todas as especies, das principais variedades, para saber como ha de fazer a sua escolha, e das leis de Mendel. Além desse conhecimento, oriundo de estudos e da experiencia, ha propriamente o "faro" uma especie de dom, que leva o amador ás mais lindas conquistas.

Além da criação de novos typos de rosa, a que nos leva a pratica das sementeiras, é de notar ainda que devemos obter os "cavallos" tambem por meio de sementes. Entre nós a regra é obter-se o porta-enxerto por meio de "estacas". Ora, como já observou o dr. E. Navarro, em relação ás laranjeiras, as mudas obtidas por meio de estacas não têm a mesma vitalidade que uma planta obtida de semente. Com as roseiras, esse factó é notavel, os proprios catalogos dos profissionaes dão-lhes dez ou doze annos de vida, mas na pratica a mortandade é muito mais precoce. Entretanto, a roseira é uma planta de vida longuissima, apontando se na Europa algumas que são contemporaneas de Carlos Magno, e na America, outras, que o são de Washington.

Desenvolvendo-se entre os amadores, e quiçá entre os profissionaes a pratica das sementeiras de roseiras teremos entrado no movimento universal que cerca essa flôr, entre a elite dos povos mais cultos.

Completaremos a nossa contribuição organisando uma sociedade nacional que allie todos os roseiristas do Brasil, tornando-os reciprocamente conhecidos. Tal sociedade manterá publicações, periodicas, com trabalhos originaes dos associados, incentivando os estudos especializados da materia, sob todos os seus pontos de vista.

Será função primordial da sociedade fazer o registo das novas criações de rosas e promover exposições com premios aos productos mais notaveis.

E' esta a organização das sociedades citadas, notando se que a função de promover o registo das novas criações é primordial, pois do contrario perdem-se os esforços dos criadores, inutilisando-se ás vezes as mais bellas conquistas. Em todo caso sem esse registo, o nosso esforço ficará ignorado do mundo, como, aliás, já se tem dado.

Temos tido criadores notaveis como o dr. Martins Fontes, saudoso juiz de direito de Bananal. Alli tinha elle o seu roseiral, alli fez as suas bellas criações, como: "Coronel Ivo do Prado"; "Dahyl Fontes"; "D. Anna Castilho", "Mme. Carlos de Rezende", "Mlle. Guiomar Cotrim", "Rosa Valente", "Souvenir de Euclides da Cunha", "Souvenir de Francisco Castellões" e a popular "Souvenir de Fausto Cardoso". Alli morreu elle sob a ramada das trepadeiras, aspirando o suave olor das petalás divinas. Tivemos o dr. Eduardo Cotrim, com a sua "Mme. Bento Vidal". Temos o sr. J. da Silva Teixeira, de Pirituba com a sua "Rosa Paraiso", obtida de sementeira em 1913 Segundo me informa o sr. Dierberger, em carta, temos ainda os srs. Amaury Fonteca, de S. Paulo, e Waldemar Barcellos, de Porto Alegre, "com productos notaveis", como declara o informante, sem comtudo cital os, como eu quizera.

Apesar, porém, desses meritorios esforços dos nossos patricios, o nosso paiz vive completamente esquecido nos catalogos europeus e americanos. Nós proprios ignoramos o que se tem feito no nosso paiz. Tudo por falta de uma sociedade que promova o intercambio entre os roseiristas e o registro de suas criações.

E' notavel que no meio do esquecimento do nosso proprio valor, devamos a uma norte-americana, a senhora Vera Schilling, de Nova Friburgo, no Estado do Rio, a divulgação das criações brasileiras no exterior.

Assim, nos "American Rose Annual" de 1928, 29 e 30, (1) a senhora Vera Schilling trata da cultura das roseiras sob o ceu brasileiro, e apresenta aos nossos amigos do Norte a famosa "Souvenir de Fausto Cardoso", criação do dr. Fontes. Pela primeira vez se vê o Brasil fazer boa figura em publicações dessa natureza.

Além do culto universal pela rosa, nós brasileiros, temos razões particulares para estimal-a. Uma das mais significativas ordens honorificas do imperio foi justamente a "Ordem da Rosa".

Eis como o visconde de Taunay (2) narra a sua criação: "Ao avistar a Imperatriz d. Amelia, que desembarcou com um vestido de gase branca salpicado de rosas meio abertas, veio incontinenti ao espirito exaggerado e cavalheiresco de d. Pedro a idéa de constituir mais essa ordem.."

E d. Maria Junqueira Schmidt: (3) "Extasiado ante a belleza de d. Amelia, ao vela toda de rosa, com seus cabellos opulentos de um castanho com reflexos de ouro, encarnação de uma flôr deslumbrante de frescura, infinitamente attrahente de mocidade, querendo dar áquelles olhos que o interrogavam uma prova do seu repentino amor, lembrou-se d. Pedro de criar uma nova ordem de condecoração que perpetuasse a belleza da princeza e a fascinação do noivo imperial".

Criada a 16 de Outubro de 1829, a Ordem da Rosa teve o seu primeiro centenario completamente esquecido.

Entretanto, ainda segundo Taunay, "das ordens brasileiras foi a da Rosa a mais prodigalisada nos dois reinados. Durante a guerra do Paraguay espalhavam-na a mãos cheias, tanto que a denominavam os soldados "a Carnaúba", por causa do dito expressivo de um cearense: "Ha tanto povo: disse elle, com essa teteia, que parece carnaúbal na minha terra".

Tem pois, a rosa para o Brasil uma alta significação nacional. E' o symbolo do amor do nosso Imperador-Herôe, e é a gloria de todos os valentes soldados de d. Pedro II, que combateram pela defesa do nosso paiz, e pela honra da civilização americana.

Resumindo :

Devemos desenvolver as sementeiras de roseiras, obtendo as sementes, seja por fecundação natural, seja artificial.

E' de todo interesse que se funde desde já uma sociedade nacional da rosa, que congregue os esforços de todos os roseiristas do Brasil, promova o registo de suas criações, e as divulgue no paiz e no estrangeiro.

São esses o objectivos desta minha contribuição. Convido pois todos os roseiristas do Brasil para a formação da sociedade citada e ponho os meus prestimos ao serviço desse ideal, em minha residencia, S. João da Boa Vista; estou ás ordens dos roseiristas amigos.

E u d o r o R a m o s C o s t a

REFERENCIAS

- (1) — "The American Rose Annual", de 1928, 29 e 30, pags. 114, 198 e 154, respectivamente.
- (2) — Visconde de Taunay — "Trechos de minha vida", pag. 170.
- (3) — Maria Junqueira Schimidt — "A Segunda Imperatriz do Brasil", pag. 39.

N. da R. — Aos amantes da roseira o A. recommenda: Em portuguez: "Jardim Florido" de Julia Lopes de Almeida. "O Jardineiro Brasileiro" de Paulo Salles. Ambos alias insufficientes.

Em francez encontram-se as obras de Cochet, "Les Rosiers" e "Les Plus Belles Roses au début du XX siècle", publicação da Sociedade Nacional de Horticultura de França. Estas duas publicações completam se admiravelmente, e dão todos os informes sobre a reproducção por sementes, fecundação artificial, classificação, etc.

Em inglez, tanto na Inglaterra, como nos Estados Unidos, ha grande riqueza de publicações. Nenhum povo ama tanto a rosa como o inglez e o americano. Na Inglaterra temos a obra classica de Dean Hole, — "A Book about Roses". Na America são notaveis os livros de C. C. Thomas Jr. — "Practical Book of Outdoor Rose Growing", e o de J. H. Nicolas — "The Rose Manual".

As obras de Giavereaux, na França, são das mais notaveis, porém, de difficilima acquisição.